

## MEMORIAL ESCOLAR

**Raquel Elise Müller de Lima<sup>1</sup>**

Entrei no Colégio Coração de Jesus com cinco anos, no que era naquele tempo um nível anterior à pré-escola. Antes disso sei apenas que frequentei uma escola de jardim de infância perto de casa que se chamava Fofolândia (nome sugestivo), mas não possuo lembrança alguma do lugar, dos professores ou colegas. Uma das primeiras lembranças que tenho do Colégio Coração de Jesus é de meu primeiro ano lá. Certo dia no recreio, no parquinho (que tinha o chão de areia e muitos brinquedos legais), dois meninos me encurralaram em um canto e me derrubaram com uma rasteira. Caí na areia e fiquei com muita vontade de chorar. Fui contar para uma professora mas, nem ela nem outra viram o acontecimento e quando relatei o ocorrido, ela não deu importância. Nada aconteceu com os meninos. Até hoje tenho raiva deles e da professora.

Quando estava na segunda série do antigo primário, torci o pé. Tinha que ir para a aula de muletas. E uma coisa que me marcou muito foi que a minha professora (Isabel), num dia que a turma ia fazer um passeio fora do colégio, me pegou no colo para descer as escadarias da saída do colégio (que são muitas). Aquele gesto me fez sentir acolhida, e nos aproximou muito, tanto é que daí por diante tive uma relação muito legal com essa professora, até me formar.

Na terceira série, a professora nos levou para o primeiro passeio do qual tenho uma lembrança concreta. Foi para o Parque Municipal da Lagoa do Peri, a primeira vez que estive lá. Lembro-me bem de uma trilha que fizemos, com todos os alunos andando em fila indiana e a professora na frente. Passamos por cima de um tronco caído que fazia uma pequena ponte por cima de um córrego. Achei muito legal ver a professora fazer

---

<sup>1</sup> Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Santa Catarina.  
Email: raquel\_elise@hotmail.com

essa atividade com os alunos, que era bem diferente de tudo que tinha feito no colégio. Na metade daquele ano, a professora precisou sair de licença maternidade. Foi neste momento que descobri que as mulheres têm que parar de trabalhar quando ficam grávidas e vão ter seus bebês.

Depois daquele passeio, passei a ansiar por qualquer saída que fizéssemos no colégio. Era uma alegria e também ansiedade quando éramos avisados de que haveria mais um passeio. Da primeira à quarta série havia vários passeios por ano, mas percebi que à medida que os anos passavam, eles iam diminuindo. Recebi a terrível notícia de que a partir da quinta série haveria apenas um ou dois passeios por ano. E chegaríamos a ter nenhum passeio em algumas séries do ensino médio. Aquilo me deixou muito triste e inconformada, pois achava que eles deveriam continuar com a mesma quantidade de passeios todos os anos.

Na quarta série tive uma professora muito querida, a Suzeti. Aliás, ela era querida por todos os alunos, pois tinha o hábito de nos abraçar sempre que podia. No recreio, no final da aula, sempre que tínhamos a oportunidade, corríamos para seu abraço. Acho que aquilo nos fazia ficar mais à vontade com ela. Porém, eu lembro que nesse ano meu pai costumava levar eu e minha irmã de carro para o colégio, apesar de ser perto de casa e sempre irmos a pé. Mas meu pai tinha problemas em acordar cedo. Ele sempre nos atrasava e, como havia trânsito, fazia com que chegássemos tarde à aula. Isso se repetia quase todos os dias, então a professora começou a me repreender. Fiquei triste com isso, pois gostava muito dela, e como eu ia explicar que chegava tarde porque meu pai tomava remédio para dormir e acabava nos atrasando? Depois desse ano, preferi sempre ir a pé mesmo.

Uma das coisas de que sempre gostei foram os primeiros dias de aula. Depois das longas férias, estava louca para voltar às aulas. Ficava super ansiosa, ainda mais com todas as preparações, como comprar o material escolar e o uniforme novo. Adorava ir ao colégio nas férias, normalmente em janeiro, matar as saudades. Íamos sempre eu, minha irmã e minha mãe, e voltávamos carregadas de sacolas super pesadas,

com livros, cadernos, *Chamex*, uniformes, etc. Nessa época das férias o colégio tinha um cheiro de grama cortada muito bom, que estranhamente eu não sentia durante o ano letivo. Acho que eles aproveitavam as férias escolares para cortar e arrumar os jardins. Em casa, passava horas ajudando minha mãe a encapar os livros, depois arrumando tudo e imaginando como seria o primeiro dia de aula, quem seria a professora, em que sala eu iria estudar. Normalmente na noite anterior ao primeiro dia eu não dormia quase nada, de tão ansiosa que ficava. Adorava quando a professora não dava matéria no primeiro dia, e só ficava conversando. As professoras se apresentavam, falavam de suas vidas, da matéria que teríamos, de seu modo de dar aula e de muitas outras coisas. Era quase sempre assim, mas no ensino médio alguns já começavam a passar a matéria logo depois de se apresentar. Todos odiavam quando isso acontecia, até porque a maioria não levava material no primeiro dia, exceto eu.

Quando estava na quinta série, a minha regente era a professora Jaqueline. Passei situações muito desagradáveis com ela. Aliás, não só eu, como a turma inteira. Como em qualquer turma que se preze, há sempre aqueles meninos bagunceiros. Em quase todas as aulas, os professores tinham que parar a aula para chamar a atenção deles. Eram broncas, sermões, suspensões, e o pior: a turma inteira tinha que ouvir tudo. Eu odiava ter que ouvir por algo que não fiz. E como a Jaque era a regente e responsável pela turma, ela chegava no meio da aula, ou ainda na própria aula dela, e falava, e falava, e falava muito mal da nossa turma. Dizia que estava decepcionada conosco, que éramos a pior turma que tinha, que dávamos muito trabalho, etc. Até eu, naquela época, sabia que não se deve dizer coisas tão depreciativas, que faz mal para a autoestima dos alunos. Foi aí que eu percebi que os adolescentes se comportam muito mal, pois todos os anos as regentes tinham esses momentos de fazer sermões sobre o comportamento da turma. Mas nenhuma professora nos deixou tão para baixo quanto a Jaque. E ainda tivemos a 'sorte' de termos ela como regente na oitava série também.

Uma situação particular constrangedora que tive com a Jaque foi em uma prova de português. Havia uma questão que pedia para escrevermos sobre o que achávamos do nosso colégio. Na hora eu achei um absurdo ela pedir nossa opinião sobre uma coisa que não tinha nada a ver com o assunto da prova, e ainda valia nota! Fiquei tão indignada que escrevi que não iria responder essa questão absurda. Após a prova, conversei com minhas amigas e elas disseram que não acharam nada demais nessa pergunta. Quando a professora foi entregar a prova corrigida, ela me chamou para conversar fora da sala. Fiquei super nervosa e com medo. Ela deu aquele sermão sobre como ela ficou chateada comigo, que apenas eu não respondi a questão, que todos responderam sem problemas, que não esperava aquilo de mim, pois eu era boa aluna. Fiquei sem palavras. Não consegui me defender e explicar porque tinha feito aquilo, que eu não queria 'puxar o saco' do colégio. Fiquei traumatizada, e nunca mais olhei pra ela da mesma maneira. Essa é a situação mais constrangedora e que mais me marcou em todo meu percurso do colégio.

O colégio sempre foi muito rigoroso com relação ao uniforme. A cor do nosso uniforme era bordô (conhecido como 'beterrabas'), e só podíamos usar casacos nas cores bordô e branco. Nada com estampas, marcas e nenhuma outra cor. O problema é que o casaco vendido no colégio não era muito quente e era difícil encontrar casacos que seguissem as regras. Muitos alunos eram retirados de sala de aula e tinham seus casacos apreendidos por um dia quando desobedeciam as regras. Certo dia resolvi comprar um casaco que era de uma cor vermelho escuro, e fui para a aula. Para meu azar, a coordenadora estava passando nas salas de aula para dar um recado, e quando ela entrou na minha, logo tirei o casaco. Achei que ela não tinha visto, mas quando acabou de dar o recado, falou que viu meu casaco e que não era para eu usar senão ela iria recolhê-lo. Fiquei com muita vergonha, pois toda a turma olhou para mim e eu sabia que aquilo não era bordô. Alguns anos depois consegui achar um casaco dupla face, que de um lado era azul e

do outro era branco. Com esse não tive problemas. Usava o lado branco dentro do colégio e o lado azul fora.

Eu e minhas amigas aprontávamos umas e outras de vez em quando. Tínhamos um lugar secreto para nos reunirmos no recreio, que era o *hall* de entrada do museu do colégio. Ficava perto da nossa sala e parecia ser um tipo de sótão. Ninguém nunca descobriu que íamos naquele lugar, pois estava meio abandonado. Uma vez, tentamos abrir a porta e ela estava aberta! Entramos para dar uma espiada, e eu estava morrendo de medo, pois era sinistro, cheio de bichos empalhados e teias de aranha. Mas o que eu mais temia era ser pega em flagrante. Descobrimos outra porta que estava aberta e minhas amigas entraram, mas eu não. Ficava dizendo para sairmos dali, que alguém poderia nos ouvir, pois eram risos atrás de barulhos de madeira rangendo, seguidos de schhh! Finalmente saímos de lá, com os nervos a flor da pele. Ainda bem que ninguém descobriu. Na verdade não fizemos nada de mais, apenas entramos em um lugar que teoricamente deveria ficar trancado.

Na sétima série, aconteceu um fato que iria mudar a vida de uma das minhas amigas: ela ficou grávida. Tentamos manter em segredo pelo máximo de tempo possível, mas quando a G.<sup>2</sup> começou a faltar muitas aulas, acho que a mãe dela contou para a nossa regente. Não sabíamos que a notícia tinha se espalhado, quando a regente nos chamou para conversar na sala dela. Ficamos imaginando o que será que ela queria conversar conosco. Então ela começou a fazer perguntas sobre a G., se sabíamos sobre a gravidez dela, se ela contava as coisas para nós, se achávamos aquilo normal. Na época fiquei indignada com a professora querer saber essas coisas, achei-a muito intrometida. Mas minha amiga realmente contava tudo para nós e eu sempre a achei muito adiantada para essas coisas (apesar de ela ser um ano mais velha). Quando saímos da sala da professora, toda a turma ficou nos perguntando sobre a G. e sobre a gravidez. Todos já sabiam, inclusive os outros professores. Achei a professora muito fofoqueira, que aquilo era invasão de privacidade. A G.

---

<sup>2</sup> Para preservar a identidade de minha amiga, utilizei apenas a inicial de seu nome.

não voltou mais para o colégio e eu só a vi na maternidade, quando teve o bebê. Depois disso só tive notícias por uma amiga.

Na oitava série, a professora de português, a Jaqueline, passou um trabalho que se chamava Sessão Literária. Tínhamos que fazer um teatro sobre uma das histórias de um livro que estávamos lendo. Haveria uma apresentação no palco do auditório do colégio. O meu grupo de amigas resolveu fazer sobre O Monstro Labatut. Era uma história de terror sobre um monstro parecido com um minotauro que assombrava uma cidadezinha. Bolamos uma narração, em que cada uma seria um personagem, haveria uma narradora e contaríamos a história no palco, sentadas ao redor de uma mesa, com uma vela acesa, as luzes apagadas, efeitos sonoros (trovões feitos com uma folha de metal, passadas pesadas e gritos feitos por mim) e falaríamos ao microfone. Aconteceu que minha amiga que era a narradora ficou nervosa e começou a misturar as falas de todo mundo. No desespero, pedi para a professora para começarmos de novo e saí correndo do palco para buscar as falas escritas. Na coxia, tropecei e levei um tombo, que fez um barulhão e todo mundo riu, mas ninguém viu porque estava escuro. Acabou dando tudo certo, no final apaguei a vela e, para finalizar a história, dei o grito mais agudo que consegui. Foi o maior sucesso, todos adoraram e tiramos dez! Esse é um dos trabalhos que mais gostei de fazer.

Da quinta à oitava série tínhamos uma disciplina chamada Atividades Complementares, onde poderíamos escolher dentre várias atividades, como espanhol (já tínhamos uma disciplina de inglês), coral, desenho artístico, esporte, dança, laboratório e outras de que não lembro. Todo ano podíamos mudar de atividade, então eu fiz desenho (adorava desenhar), depois dança, espanhol (mas só meio ano porque tinha acabado de colocar aparelho e tive dificuldades para falar), então mudei para laboratório, e por último desenho novamente. Obviamente o que mais gostei foi o desenho artístico. O professor era bem diferente, contava histórias de que já tinha posado nu para desenhistas profissionais

e que já foi usuário de drogas, era um verdadeiro artista excêntrico. Nem sei como o colégio o contratou, pois é muito rigoroso e ainda coordenado por freiras, mas eu sempre gostei do jeito dele.

No primeiro ano do ensino médio, tive uma professora muito boa, de biologia. As aulas dela eram muito interessantes, apesar de ser rigorosa com relação à disciplina dos alunos em sala, todos a respeitavam, então a aula era produtiva, principalmente pelos assuntos variados que uma aula de biologia proporciona (puxando a brasa para minha sardinha). Às vezes ela dizia que se ficássemos quietos durante a aula, ela nos deixava sair cinco minutos mais cedo. Adorávamos isso. Nessa série começamos a ter aulas práticas em laboratório. No segundo ano as aulas práticas eram de física e química. Em certa aula prática de biologia sobre célula vegetal, era para observarmos células de cebola ao microscópio e desenhá-las, indicando as estruturas. Depois a professora pediu para observarmos o movimento dos cloroplastos e indicar em que sentido eles estavam se movimentando. Eu vi no microscópio e escrevi no relatório o sentido que eles se mexiam. Quando ela passou para corrigir, disse que estava errado e que eu nem tinha olhado no microscópio para saber. Eu disse que olhei sim e foi isso que vi, mas ela insistia em dizer que não podia ser daquele jeito, olhou no microscópio e deu a questão como errada. Eu fiquei sem entender o que fiz de errado. Mas apesar disso, continuei a gostar das aulas de laboratório.

Também tive outra professora muito boa no primeiro ano, a Soninha, de Literatura. O jeito de ela explicar sobre as escolas literárias e sobre as histórias de alguns livros tornavam sua aula muito prazerosa. Ela pegava muito no meu pé e adorava mexer no meu cabelo. Naquela época, meu cabelo era muito mais comprido e liso que agora, e ela ficava falando para a turma toda que eu acordava às cinco horas da manhã para fazer chapinha antes de ir para aula (mas ela estava brincando). Toda aula era a mesma coisa. Eu não aguentava mais ela ficar mexendo no meu cabelo, me despenteava toda! Mas eu a adorava.

Todo ano o colégio promovia uma viagem em parceria com a empresa Encantabrazil, em que apenas os alunos do ensino médio poderiam ir. Cada ano era para um lugar diferente, e era sempre na semana que pegava o Dia da Criança em outubro. Poucos participavam pois era caro. Quando eu estava no primeiro ano, foi para Minas Gerais. Fomos de ônibus e no roteiro estavam várias cidades históricas, como Ouro Preto, Tiradentes, Mariana, São João Del Rei, Congonhas, Sabará, Belo Horizonte, entre outras. Professores de geografia, literatura e artes iam junto pois os lugares que visitávamos tinham conexões com essas matérias. Apesar de cansativa, a viagem foi muito proveitosa, conheci vários locais diferentes e muitas, muitas igrejas barrocas. Já no segundo ano do ensino médio, a viagem foi para o Nordeste, incluindo Recife, Olinda, Caruaru e Fernando de Noronha! Foi a viagem dos sonhos. Os mesmos professores também foram. Tudo o que eu vi e aprendi nessa viagem influenciaram em minha escolha de fazer biologia. No terceiro, acabei não indo na viagem, que era para a Bahia, e me arrependi muito.

A minha turma do segundo ano foi juntada com outra para formar uma turma de terceiro. Por causa disso a turma ficou meio dividida. Mas uma coisa tínhamos em comum: adorávamos nossa regente – a Tia Gi (Giovanna). Ela era professora de biologia e era muito engraçada e dedicada. Qualquer problema que aparecesse ela resolvia, e estava sempre de bom humor. Além dela, outra professora de que gostávamos era a de geografia, a Sueli, que era meio doidinha. No início da aula, ela desenhava o mapa de Santa Catarina no quadro, e rabiscava tanto em cima que no final da aula mal dava para ver, se quer entender o que estava no quadro. Isso quando ela não pegava o mapa do Brasil, pendurava no quadro e o rabiscava todo de giz. Às vezes ela começava a cantar no meio da aula, era só alegria. Ela sabia muito, e foi com ela que aprendi e gostei de geografia. Tanto é que prestei vestibular para geografia na UDESC, mas não passei.

Um evento marcante, anual, que mobilizava e parava o colégio inteiro eram as Olimpíadas. Organizávamo-nos para fazer camiseta,

torcida, treinos, buscar patrocínio para um uniforme completo, para faixas, balões, etc. Tinha um desfile de abertura e uma semana inteira de jogos. A turma se unia, competia, brigava, torcia. Acontecia de tudo nas Olimpíadas. Com os jogos, as gincanas, a arrecadação de prendas para a Festa do Divino, ganhávamos pontos. No final, a turma que tivesse mais pontos era a campeã da sua série. Lembro-me que duas vezes minha turma foi campeã. No terceirão, estávamos com muita vontade de ganhar, pois era o último ano. Mas aconteceu uma briga durante um jogo, em que houve pancadaria. Alguns alunos, professores, e até o juiz entrou na briga. Um aluno da minha turma fez um gesto obsceno (abaixou as calças e mostrou a bunda) que acarretou com a desclassificação da turma. Ficamos muito decepcionados, pois com os pontos que tínhamos poderíamos ter sido campeões. A atitude de poucos ocasionou a punição de todos. A direção e muitos professores ficaram chateados com a turma. Talvez se fossemos mais unidos e os meninos menos violentos, isso não tivesse acontecido.

Mas apesar de tudo, sempre gostei do meu colégio e nunca pensei em mudar, como muitos fizeram. A preparação para o vestibular não era muito forte naquela época (me formei em 2003, há mais de sete anos!), mas durante meu percurso escolar ele sempre ofereceu muitas atividades extracurriculares, e isso fazia toda diferença para mim. Uma das atividades de que participei por muito tempo (quatro anos e meio) foi o Grupo de Dança. Tinha até um teste para entrar. Fazíamos coreografias para apresentar no espetáculo de final de ano no CIC e nos Festivais de Dança brasileiros. Todos os anos, desde a quinta série, dancei no CIC, pois na educação física tínhamos a opção de escolher se queríamos fazer esporte ou dança. Sempre fiz dança. E na oitava série entrei para o grupo. Participamos de muitos festivais, e em vários tivemos boas colocações. A diretora do grupo tinha uma relação muito boa conosco, tanto é que ainda fiquei seis meses no grupo mesmo depois de me formar. Foi uma parte muito importante de minha formação.

Para a produção desse memorial, tive que puxar da memória lembranças que trouxeram consigo um sentimento de nostalgia. Tenho muitas outras lembranças guardadas, mas estas foram as mais marcantes. Hoje penso que a vida era mais fácil quando estávamos no colégio. Era feliz e não sabia.